



Natal do Senhor

(Missa da noite mais a Missa da aurora)

O texto – Lc 2,1-21

- ¹ Por aqueles dias, saiu um édito da parte de CÉSAR AUGUSTO
para ser *recenseada* *toda a terra*.
- ² Este *recenseamento* foi o primeiro, sendo Quirino governador da Síria.
³ *Todos iam registrar-se*, cada qual à sua própria cidade.
⁴ Também José, subiu da cidade de Nazaré, na Galileia,
para a Judeia, à **CIDADE DE DAVID**,
chamada Belém, por ser da casa e linhagem de DAVID,
⁵ a fim de se **registar** com Maria, sua esposa,
que estava grávida.
- ⁶ E, enquanto eles ali se encontravam, **completaram-se os dias** do parto
⁷ e deu à luz o seu **FILHO** primogénito,
ENVOLVEU-O EM PANOS E DEITOU-O NUMA MANJEDOURA,
por não haver lugar para eles na hospedaria.
- ⁸ Naquela região havia pastores que vigiavam de *noite* fazendo a guarda ao seu rebanho
⁹ Um **anjo do Senhor** apareceu-lhes,
e a **glória do Senhor** envolveu-os em *luz*;
e foram tomados de **grande temor**.
- ¹⁰ O anjo disse-lhes: **«Não temais,**
pois ANUNCIO-*vos* uma **grande alegria**, que será para *todo o povo*:
- ¹¹ **Hoje** NASCEU-*vos*
um **SALVADOR**, que é o **CRISTO** **SENHOR**, na **CIDADE DE DAVID**
- ¹² Isto vos servirá de **SINAL**:
encontrareis um **MENINO** **ENVOLTO EM PANOS e DEITADO** numa **MANJEDOURA**».
- ¹³ De repente, juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste,
louvando a **Deus** e dizendo:
- ¹⁴ **«Glória a Deus nas alturas**
e paz na terra aos homens do seu agrado».
- ¹⁵ Quando os anjos se afastaram deles em direcção ao Céu,
os pastores disseram uns aos outros:
«Vamos a **BELÉM** e *vejamos* este **acontecimento** que o Senhor nos deu a conhecer».
- ¹⁶ Foram apressadamente e encontraram
MARIA, JOSÉ e o MENINO **DEITADO** na **MANJEDOURA**.

- ¹⁷ *Vendo-o*, contaram **o que lhes fora dito a respeito do MENINO**.
- ¹⁸ *Todos* os que *ouviram* se admiravam do que lhes *diziam* os pastores.
- ¹⁹ Quanto a **MARIA**, conservava todas estas coisas, meditando-as no seu coração.
- ²⁰ E os pastores voltaram, **glorificando** e louvando a Deus por tudo o que tinham *visto e ouvido*, conforme lhes tinha sido *dito*.
- ²¹ Quando se **completaram os oito dias**, para a *circuncisão* do **MENINO**, foi *chamado* com o nome de **JESUS**, *chamado* pelo **anjo** antes de ter sido *concebido* no seio materno.

Breve comentário

É no ambiente do império romano, ao tempo do «divino» César Augusto, com todo o seu poder sobre todos os homens, a ponto de ordenar um recenseamento geral, que para os judeus piedosos constitui uma afronta e uma blasfémia porque só Deus tem o conhecimento total (cf. revolta referida em Act 5,37), que o menino anunciado vai nascer. Lucas sublinha o contraste entre o projecto de César Augusto que quer assumir prerrogativas divinas e o projecto de Deus que tinha prometido a David que «um reino sem fim» (2Sm 7; Lc 1,32), que está a ser realizado através de José, herdeiro obscuro de David, que se submete à ordem de um rei estrangeiro.

O recenseamento exprime o desejo de domínio de um homem que se quer fazer deus, no momento em que Deus se faz homem e manifesta a sua vontade de ser servo de todos.

Este facto político contribui para o cumprimento das velhas esperanças e promessas do Antigo Testamento: a cidade de Belém, o descendente de David. Porém, em contraste com o poder terreno e com as grandes vias da história humana, o menino nasce abandonado e só, quebrando os esquemas humanos de grandeza. Desde o nascimento que Jesus é excluído: nasce fora da hospedaria, porque não há lugar para ele, e morre fora dos muros de Jerusalém, ao lado de condenados. É envolvido em panos e «deposto» numa manjedoura, tal como mais tarde um outro José (de Arimateia) o vai envolver num lençol e «depositar» num túmulo.

É nas trevas da noite que surge a luz inesperada da glória do Senhor. É aos pastores, símbolo de todos os pequenos, pecadores, desprezados, anónimos, os últimos, que é endereçada a mensagem: «Anuncio-vos», melhor: «Dou-vos a boa nova». É uma alegre notícia para todos os tempos: o «Hoje» da salvação, tão caro a Lucas, ressoou então, como continua a ressoar em todos os tempos. Foi ontem, como é «hoje».

«Nasceu-vos um Salvador, que é o Cristo Senhor, na cidade de David». Trata-se dum anúncio ao estilo do anúncio do nascimento dos «divinos» imperadores, interpretado como manifestação de Deus entre os homens.

O «salvador», título do imperador, atributo exclusivo de Yahweh, é agora dado a um menino que nasceu, e que já sabemos pela anunciação ser «grande, Filho do Altíssimo, santo, Filho de Deus». Ele é o Cristo, o Messias esperado pelo judaísmo, o «Ungido» nascido na cidade de Belém. As esperanças do Antigo Testamento atingem um cume que é inesperado. O que aconteceu vai muito além das expectativas judaicas.

Um terceiro título é dado pelo anjo: «Senhor». No Antigo Testamento, o termo «Senhor» (*Kyrios*) corresponde ao nome de Deus: YHWH – que os judeus pronunciam *Adonay* (= *senhor*, em hebraico). Lucas é o único autor que une directamente os dois termos, Cristo e Senhor, como faziam os Salmos de Salomão (18,36) para designar o messias.

E surge o paradoxo fundamental do cristianismo: o sinal dado para o reconhecerem é um menino envolto em panos e *deitado* numa manjedoura. O Salvador é um recém-nascido; o Cristo das esperanças messiânicas está envolto em faixas; aquele que é proclamado com o título divino de Senhor encontra-se *deitado*; a cidade de David é substituída por uma manjedoura. Trata-se, efectivamente, dum sinal muito fraco que só pode ser percebido por meio duma revelação. É um sinal que só o olhar interior da fé poderá discernir, tal como mais tarde será o sinal dum profeta morto e *deitado* (o mesmo verbo) num sepulcro.

Este acontecimento escondido e longe de tudo e de todos envolve céu e terra. É motivo para cantar um hino a Deus. A glória de Deus veio sobre a terra, o amor infinito de Deus torna-se a paz para a humanidade, porque Deus ama a todos. A benevolência divina repousa agora sobre todos os homens pelo facto de que Deus, encarnando, assume a nossa humanidade e chega a todos aqueles que em Jesus podem descobrir o significado da própria vida de homens.

Até aqui os pastores estão em silêncio. Agora estão resolvidos a «ver» esta palavra-acontecimento que lhes foi dado a conhecer. Os pastores respondem como crentes: encontram o menino e aceitam-no como sinal de Deus; confiam na palavra do anjo e falam dela; glorificam a Deus.

O que se torna eloquente é o silêncio. Silêncio de José de quem Lucas não refere uma palavra em todo o evangelho. Silêncio de Maria, cujo canto de glória dá lugar à meditação. Silêncio do menino, Palavra eterna de Deus.

«Maria, conservava todas estas coisas, meditando-as no seu coração». Maria não entende tudo desde o início, mas observa, escuta, medita, reflecte e, depois da Páscoa irá entender tudo, irá ver claramente o sentido de tudo aquilo que aconteceu. É o processo de crescimento de todo o crente.

O texto encerra com o rito da circuncisão, como qualquer judeu, e a imposição do nome. Mas não é o pai quem escolhe e dá o nome, como fez Zacarias em relação a João. O nome foi escolhido por Deus, o Pai Altíssimo, na linha dos grandes protagonistas da História da Salvação a quem Deus confere o nome a indicar a função e o destino. Jesus (Yeshua, em hebraico) significa «Yahweh salva». Jesus, Filho de Deus, é o Salvador, mais: Ele é a Salvação, como logo a seguir Simeão irá reconhecer.

(Missa do dia de Natal)

O texto – Jo 1,1-18

- ¹ No princípio existia o **VERBO**;
o **VERBO** estava junto de DEUS;
e o **VERBO** era Deus.
- ² **ELE** (estava) no princípio junto de Deus.
- ³ Tudo existiu por meio d' **ELE**;
e sem **ELE** nada existiu.
- ⁴ Tudo o que existiu n' **ELE** era **VIDA**
e a **VIDA** era a **LUZ** dos homens.
- ⁵ e a **LUZ** brilha nas trevas,
e as trevas não a apreenderam.
- ⁶ *Apareceu um homem,*
enviado de junto de DEUS;
o seu nome **João**.
- ⁷ Este vinha para o *testemunho*,
para dar *testemunho* da **LUZ**
e todos **crerem** por meio dele.
- ⁸ Ele não era a **LUZ**,
mas veio para dar *testemunho* da **LUZ**.
- ⁹ Existia a **LUZ** verdadeira,
que **ILUMINA** todo o homem,
vindo ao mundo.
- ¹⁰ Estava no mundo
e o mundo existiu por meio d' **ELE**,
e o mundo não *O* conheceu.
- ¹¹ Veio para o que era **SEU**,
e os seus não **O acolheram**.
- ¹² Mas, a quantos **O acolheram**,
deu a capacidade de se tornarem *filhos de DEUS*,
aos que **crêem** no **SEU** NOME.
- ¹³ os quais não do sangue,
nem da vontade da carne,
nem da vontade de um homem,
mas por **DEUS foram gerados**.

14

E O **VERBO** FEZ-SE CARNE
E MONTOU A SUA TENDA NO MEIO DE NÓS.

E nós contemplámos a *SUA* glória,
glória como *UNIGÉNITO* junto do PAI,
CHEIO DA GRAÇA DA VERDADE.

15 João dá testemunho acerca d' *ELE* e clama, dizendo:

«*Este era aquele de quem eu disse:
'O que vem depois de mim está à minha frente,
porque existia antes de mim'*».

16 Porque da sua plenitude todos nós recebemos,
GRAÇA por *GRAÇA*.

17 Porque a Lei foi dada através de Moisés,
mas a *GRAÇA* e a VERDADE vieram-nos através de **JESUS CRISTO**.

18 A DEUS jamais alguém o viu.

O *UNIGÉNITO DEUS*, que está no seio do PAI,
só *ELE* O deu a conhecer.

Breve comentário

O evangelho de S. João representa um estádio muito profundo de interpretação do acontecimento Jesus. O prólogo, ou introdução que se lê na missa do Dia de Natal descreve, de forma poética e concentrada a obra de Jesus-Verbo e pessoa divina no amplo horizonte bíblico do plano de salvação que Deus traçou para o homem.

S. João coloca o Verbo em Deus, apresentando a sua preexistência eterna, a intimidade de vida com o Pai e a sua natureza divina. O termo «Verbo» tem como fundo a literatura sapiencial e o tema bíblico da Palavra de Deus no Antigo Testamento, onde quer a Sabedoria quer a Palavra são apresentadas como «pessoa ligada a Deus e enviada por Deus ao mundo a fim de o orientar para a vida. O Verbo é força que cria, revelação que ilumina, pessoa que comunica a vida de Deus.

O Verbo não só está junto do Pai mas dirigido para o Pai em atitude de escuta e de obediência. S. João afirma com clareza, desde as primeiras palavras do seu evangelho que no Deus Único existe uma pluralidade de pessoas.

Para o homem da Bíblia «a Palavra» é a expressão mais profunda e íntima duma pessoa e o próprio Deus não seria Deus se não comunicasse a sua Palavra do fundo do seu Ser. O Verbo é gerado eternamente do profundo do seio do Deus-Amor; ele é o rosto do Pai, é a igualdade na diversidade das duas pessoas que se amam e comunicam entre si. Com estes primeiros versículos S. João introduz-nos no mistério da revelação eterna de Cristo.

Depois dos dois primeiros versículos introdutórios, o texto apresenta-nos o papel do Verbo na criação do universo e na história da salvação: «Tudo existiu por meio d'Ele; e sem Ele nada existiu» (v. 3). O Verbo impele as coisas para a existência e para a salvação enquanto participam na comunhão de vida com Ele. Toda a história lhe pertence. Todas as coisas são obra do Filho de Deus, Jesus de Nazaré.

Todo o homem é feito para a luz e é chamado a ser iluminado pelo Verbo com e luz eterna de Deus que é a própria vida do Pai dada ao Filho. A luz de Cristo brilha em todo o homem que vem ao mundo e as trevas lutam para a eliminar. Todavia, o ambiente do mal, que se opõe à luz de Deus e à palavra de Jesus-Verbo, não consegue ter a vantagem e vencer.

A luz vinda ao mundo é precedida por uma testemunha, João Baptista, que tem a missão de falar a favor da luz. Este homem, enviado por Deus, tem a tarefa bem definida no plano da salvação, e o seu próprio nome «João» o revela: anunciar que «Deus concede graça» a toda a humanidade.

O papel de João Baptista é único: «veio como testemunha, para dar testemunho da luz, e todos crerem por meio dele» (v. 7). João é a testemunha de Jesus que recebe o testemunho que o Pai dá ao Filho no Baptismo e que vê o Espírito descer e permanecer sobre Jesus (Jo 1,32-34). Ele é aquele que conduz o homem à fé em Jesus-Luz.

Jesus é a luz autêntica e perfeita que apaga as aspirações humanas; a única que dá sentido a todas as outras luzes que aparecem na cena do mundo. Esta luz divina ilumina cada homem que nasce neste mundo. É a luz que se oferece no íntimo de todo o ser como presença, estímulo e salvação. Jesus-Verbo, presente entre os homens com a sua vinda, está próximo de cada homem. Embora estivesse já no mundo como criador e como centro da história, o «mundo não o conheceu» (v. 10), isto é, os homens não acreditaram no Verbo incarnado e na sua missão de salvador.

À recusa do mundo, S. João acrescenta uma outra, ainda mais grave: «Veio para o que era seu e os seus não o acolheram» (v.11). Por outras palavras: a Palavra do Senhor veio ao povo hebreu, mas Israel rejeitou-a. Está presente aqui o longo caminho da humanidade que, apesar do projecto de amor e de vida querido por Deus, perdeu com o pecado a orientação de todo o seu ser e não reconheceu o plano amoroso e salvífico de Deus.

Se o comportamento da humanidade, e em particular o de Israel, foi de nítida rejeição de Jesus-Verbo, um grupo de pessoas, um «resto de Israel», acolheu-o e deu uma resposta positiva à sua mensagem, estabelecendo uma nova relação com Deus: «a quantos O acolheram, deu a capacidade de se tornarem filhos de Deus» (v.12). Só aqueles que acolhem o Verbo e crêem na sua pessoa divina se tornam filhos de Deus porque nasceram de Deus e não de elementos humanos.

Este dom da filiação divina acolhe-se crendo em Cristo e aprofundando a nossa vida de fé nele. Acolher o Verbo significa «crer no nome» de Jesus, ou seja, aderir plenamente à sua pessoa, empenhar a vida ao seu serviço.

O v. 14 é como que a síntese de todo o hino: afirma-se solenemente a encarnação do Filho de Deus. O Evangelho afirma que «o Verbo se fez carne», isto é, que a Palavra se fez homem, na sua fragilidade e impotência, como qualquer criatura, nascendo duma mulher, Maria. É este o anúncio que é necessário crer para se ser salvo: «Todo o espírito que reconhece Jesus Cristo vindo na carne, é de Deus; todo o espírito que não reconhece Jesus, não é de Deus (1Jo 4,2-3).

A expressão «e montou a sua tenda no meio de nós» sublinha o objectivo da encarnação: Deus mora com o seu povo de forma estável e para sempre (cf. Ap 7,15). A sua presença está na vida do homem e na carne visível de Jesus (cf. Jo 2,19-22).

Os discípulos contemplaram na fé o mistério de Jesus-Verbo, isto é, a glória que Ele possui como Unigénito vindo de junto do Pai (v.14). Jesus é a revelação de Deus, mas de modo escondido e humilde. No evangelho de João, a glória do Senhor é algo de interior que só o homem de fé pode compreender. A «glória» de Cristo é a verdade do seu mistério: a revelação no homem-Jesus do Filho de Deus vindo de junto do Pai.

A «graça da verdade» (v.14), na linguagem bíblica, é o dom da revelação que Deus ofereceu ao homem. A verdade, em S. João, indica a revelação plena e perfeita da vida divina. O Verbo encarnado está «cheio da verdade», ou seja, é toda a revelação. Jesus é «a verdade» (Jo 14,6), ou seja, a revelação definitiva e total. E esta verdade é a «graça» do Pai, o dom supremo que o Pai nos fez.

Toda a vida de Jesus é manifestação de Deus, mas para o evangelista o momento central em que se manifesta a glória de Deus em toda a sua potência é a cruz: o elevar de Jesus é a sua glorificação. Pode parecer paradoxal dizer que a cruz é a glorificação, mas tudo se torna claro se pensarmos que Deus é amor (1Jo 4,8) e a sua manifestação está, portanto, onde aparece o Amor. É sobre a cruz que o amor de Deus brilha em toda a sua penetrante luz e plenitude.

Os crentes são aqueles que receberam «da plenitude» (v. 16) de Jesus-Verbo o dom da revelação que substitui a da lei antiga. Todo o crente pode aceder a esta fonte de vida e ser participante do dom da verdade que está em Jesus. A vida de Filho de Deus entra no meio mediante a fé. Na verdade, o Filho de Deus, de facto, fez homem para tornar todos os homens participantes da sua realidade de Filho e os introduzir na vida de Deus.

«Da sua plenitude todos nós recebemos uma graça em lugar doutra graça» (v. 16). Quais são as duas graças de que se fala? O v. 17 ajuda-nos a compreender o seu sentido. As duas graças são a lei de Moisés e a de Cristo. Para João, a história da salvação abarca dois momentos fundamentais: o dom da lei na revelação provisória do Sinai e «a graça da verdade» na revelação definitiva de Jesus. As duas etapas da revelação estão em contraste entre si: Moisés é o revelador imperfeito da lei e o mediador humano entre Deus e Israel; ao contrário, Jesus é o Revelador perfeito e definitivo da Palavra e o Mediador humano-divino entre o Pai e a humanidade.

Por fim, o versículo final do prólogo oferece uma explicação ulterior do porquê Jesus é o cumprimento da lei de Moisés; porque Deus se revela em Jesus. Só o Filho unigénito pôde revelar o Pai, porque ninguém jamais viu a deus a não ser o Filho unigénito que no-lo revelou (v. 18).

O «seio» do Pai, na linguagem bíblica, é a imagem típica do amor e da intimidade: toda a vida de Jesus de desenrolou como vida filial, numa atitude de escuta e de obediência ao Pai, numa relação de amor com o Pai e como manifestação do Pai.